

*Elmir de Almeida  
Leandro R. Pinheiro  
Luís Antonio Groppo  
Mirela Figueiredo Iriart  
(Organização)*

**MOVIMENTOS SOCIAIS,  
SUJEITOS E PROCESSOS EDUCATIVOS:  
UMA ANTOLOGIA DO GT03 DA ANPED.**

**Elmir de Almeida  
Leandro R. Pinheiro  
Luís Antonio Groppo  
Mirela Figueiredo Santos Iriart  
(Organizadores)**

**Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos:  
uma antologia do GT03 da ANPEd**

**Apoio:**



## Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada des de que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

---

**Elmir de Almeida; Leandro R. Pinheiro; Luís Antonio Groppo; Mirela Figueiredo Santos Iriart [Orgs.]**

**Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos:** uma antologia do GT03 da ANPED. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 529p. 16 x 23 cm.

**ISBN: 978-65-5869-407-6 [Digital]**

**DOI: 10.51795/9786558694076**

1. Movimentos sociais. 2. Sujeitos. 3. Processos educativos. 4. ANPED. I. Título.

---

CDD – 370

**Capa:** Petricor Design

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luis Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

## Apresentação

Elmir de Almeida  
Leandro Rogério Pinheiro  
Luís Antonio Groppo  
Mirela Figueiredo Santos Iriart

[...] É nesse momento de perplexidade que aprendo a ser parte. Entendo que ser parte constitui um jeito de nos mostrarmos incompletos e finitos, na busca da interação, do que nos completa, do que nos põe como iguais, porque somos diferentes e, nessa perspectiva, o diálogo de saberes torna-se um caminho adequado para a compreensão da complexidade [...]

Nilton Bueno Fischer, 2009

Esse livro nasceu, talvez, de um infortúnio. Ao longo de 2020 e 2021, a pandemia da Covid-19 tem interrompido muitos de nossos encontros educativos e acadêmicos presenciais. Normalmente, os recursos que a ANPEd fornece aos seus Grupos de Trabalho apoiavam esses encontros. Nesta conjuntura, surgiu a ideia de sistematizar, de alguma forma, o que o GT03 tem produzido, pensado, discutido e perguntado em sua história, em especial na última década, sob a vigência de seu nome atual, o mesmo que dá título a esse livro, “Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos”.

A ideia foi bem acolhida entre os membros do GT e pela direção da ANPEd. Formamos uma comissão, a mesma que organiza este livro, e ao final de 2020 divulgamos uma chamada pública. O objetivo foi atendido com esta obra, uma coletânea com produções de membros do GT03, produzidos entre 2011-2020, aglutinando um conjunto rico e diversificado de temas, problemas e experiências teórico-práticos relacionados aos seus três grandes eixos temáticos: movimentos sociais; sujeitos; e processos

educativos. Na verdade, fomos além, abordando a própria história do GT03, ao incluir as entrevistas e um capítulo que faz um balanço da produção do GT de sua criação até 2009 (o terceiro capítulo).

Buscamos dar expressão, aqui, à sensibilidade que percorre a história do GT, em deferência aos movimentos produzidos pelos atores sociais e às mudanças que enunciam ou demandam à ordem social. E, em congruência, procuramos destacar as dimensões de pesquisa e debate que se tornaram caros na última década, a saber: i) desafios teóricos e metodológicos na investigação e compreensão das ações coletivas em seus múltiplos formatos, dos/as sujeitos/as e seus modos de participação e dos processos educativos escolares e não escolares; ii) abordagem de questões pertinentes à configuração social de ações coletivas, em seus múltiplos modos e contextos de atuação, assim como dos conflitos sociais que engendram; iii) análise das dinâmicas de participação dos sujeitos em diferentes cenários sócio-educacionais, destacando-se, tanto às condições estruturais de suas práticas, quanto os agenciamentos produzidos por estes; iv) estudo de diferentes processos educativos, em modalidades escolares e/ou não-escolares, no tocante a suas potencialidades subjetivadoras e emancipatórias; v) trabalhos relativos ao diversificado rural brasileiro, mediante análises das lutas sociais e das culturas do e no campo; vi) trabalhos sobre a condição juvenil e os jovens em diferentes esferas de socialização, incluindo relações de sociabilidade, ações coletivas e espaços de educação.

Durante nosso trabalho de organização, surgiu a proposta de acrescentar também um balanço histórico do GT03, desde entrevistas realizadas com integrantes de longa data no grupo, de modo a considerar dimensões de sua memória coletiva, perspectivas futuras e desafios. Assim, na primeira parte do livro, temos duas entrevistas, nas quais entrevistados e entrevistadores/as são representantes de distintas gerações de pesquisadores do GT, muitos tendo passado pela própria coordenação do Grupo de Trabalho. Na entrevista *Das origens da ANPEd aos movimentos sociais no século XXI: entrevista com Miguel González Arroyo*, Arroyo dialogou com Geraldo Magela Pereira

Leão, Juarez Tarcísio Dayrell e Paulo César Rodrigues Carrano acerca da constituição da ANPEd, da conquista de espaços para a discussão da educação para além do mundo escolar no interior da nossa Associação e da influência das experiências dos movimentos sociais nos debates educacionais, em diferentes contextos sócio-espaciais e conjunturas históricas da sociedade brasileira.

Na entrevista *Sujeitos e processos educativos no GT03 da ANPEd: entrevista com Marília Pontes Sposito*, a pesquisadora dialogou com Ana Karina Brenner, Maria Carla Corrochano e Mônica Dias Peregrino Ferreira, sobre a trajetória da entrevistada no interior da Associação e sobre os diferentes períodos do GT03, rememorando e destacando momentos e aspectos teóricos e empíricos dos debates que embasaram propostas de reconfiguração do GT e a adoção de sua atual denominação. Ali também se reflete sobre os desafios atuais da pesquisa com os sujeitos e os processos educativos, destacando-se o diálogo com os movimentos sociais e o impacto da pandemia de Covid-19.

A segunda parte desta coletânea foi composta por capítulos oriundos de trabalhos encomendados pelo GT para as Reuniões Nacionais da Associação entre os anos de 2009 e 2019, e cujas autoras e autores se dispuseram a revisitar e atualizar as escritas. Em exceção ao escopo inicial deste livro, temos o trabalho solicitado para a Reunião de 2009, *GT Movimentos sociais e Educação: percurso, identidade e perspectivas*, de Sonia Aparecida Branco Beltrame e Maria Antônia de Souza, no qual efetua-se um balanço sobre o itinerário da construção identitária do GT entre 1980 e 2008, em face dos temas, problemas e produções relevantes por ele acolhidos. O texto é produto de estudo documental e bibliográfico, respectivamente, da ANPEd e do próprio GT. Nele são apresentados os objetos de investigação desde a sua gênese como 'Educação para o meio rural', a sua transição para 'Educação e Movimentos Sociais do Campo' e, por fim, a mudança para 'Movimentos Sociais e Educação'. Segundo as autoras, a dinâmica do GT revelava, na sua história, a necessidade de ampliação do seu objeto diante das problemáticas societárias e tendências teóricas

trazidas para o Grupo. Sua identidade teria dois pontos fortes: agregava pesquisadores interessados na análise da dinâmica societária, sob a ênfase dos movimentos sociais e da educação; e possibilitava que pesquisas de diferentes tendências teórico-metodológicas fossem divulgadas no Grupo. E destaca-se, ainda, que, dentre os desafios que marcaram o período analisado, encontravam-se a oscilação no número de pesquisadores e a maior explicitação da articulação entre o conceito e a prática do movimento social com a educação.

Compõem esta parte também, os trabalhos solicitados à Cláudia Vianna (35ª. Reunião, 2012), à Elisa Castro Guaraná (36ª Reunião, 2013) e à Ana Karina Brenner, Elmir de Almeida, Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante e Mônica Dias Peregrino Ferreira (38ª Reunião, 2017). No primeiro, *Relação entre Estado e movimentos sociais na produção de políticas de Educação, relações de gênero e diversidade sexual*, a autora explora a relação entre Estado e movimentos sociais na produção de políticas públicas de educação voltadas às relações de gênero e à produção da diversidade sexual. Neste sentido, observa a constituição dessas políticas a partir das tensões presentes na interlocução do governo de Luiz Inácio Lula da Silva com demandas sociais por diminuição da desigualdade e construção de direitos sociais advindas do movimento LGBTQIA+. Ao discutir entraves e limites do processo de interlocução entre governo e movimento social, o texto aponta também desafios que se prolongam para o momento atual, caracterizado pela tensão entre a manutenção de conquistas relativas à introdução das questões de gênero e da produção das sexualidades nas políticas de educação, e o avanço conservador antigênero.

Em *Juventude do/no campo: caminhos teóricos, metodológicos e nas políticas públicas – revisitando 2013*, Elisa Guaraná de Castro resgata primeiramente elementos de sua trajetória como pesquisadora, tomando um recorte de três momentos: 1) o início das suas reflexões, de 1998 a 2005, quando da tese 'Entre Rural e Urbano – uma etnografia da construção social da juventude rural'; 2) 2005 a 2009, elaborações a partir da pesquisa 'Os jovens estão indo embora:

juventude rural e a construção de um ator político'; e 3) 2010, a partir da participação no 'Seminário Políticas Públicas: juventude em pauta organizado pela Ação Educativa'. Na segunda parte, a autora revisita esse percurso dialogando com os temas centrais do GT03 e com a experiência da autora, iniciada em 2011, na Secretaria Nacional de Juventude (Secretaria Geral/Presidência da República) como Coordenadora de Políticas Transversais. Então, dois eixos de discussão são propostos: 1) a necessidade de reconhecimento da juventude do/no campo como estratégica para um projeto de continuidade da agricultura familiar camponesa do campo brasileiro em uma perspectiva transformadora; 2) reconhecimento político da juventude do campo e sua atuação direta na construção de processos transformadores para o campo brasileiro, tanto nos movimentos sociais, quanto nas políticas públicas, e, ainda, na sua diversidade regional, territorial e os limites da categoria juventude rural.

No capítulo *Balanço da produção do GT03 da ANPED entre 2011 e 2015 – um inventário de abordagens sobre “Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos”*, Ana Karina Brenner, Elmir de Almeida, Ludmila Oliveira Holanda Cavalcante e Mônica Dias Peregrino Ferreira, realizaram um inventário dos trabalhos acolhidos e apresentados no GT3 nas Reuniões Nacionais ocorridas entre 2011 e 2015, buscando apreender a ocorrência ou não de implicações nas produções apresentadas em virtude da mudança da nomenclatura do Grupo de Trabalho. Com intenção mais heurística que classificatória, as sessenta e duas (62) produções identificadas e analisadas, no período referido, foram organizadas por ano de apresentação e pelos temas que nomeiam o Grupo - *movimentos sociais, sujeitos e processos educativos*. Buscou-se também compreender como as três (3) categorias foram abordadas ao longo dessa trajetória e como se interconectaram e/ou dialogaram a ponto de serem compreendidas como fenômenos de identidades temáticas no GT.

Acreditamos que, desta forma, contribuímos para contextualizar as discussões dos capítulos seguintes, além de sinalizar, pelo conjunto, para o leque de abordagens e ênfases

dados por pesquisadoras e pesquisadores do GT03 quando lançamos um olhar retrospectivo sobre a produção do Grupo.

As partes III, IV e V do livro são compostas por capítulos oriundos de trabalhos apresentados no GT03, em Reuniões Nacionais entre 2011 e 2019, devidamente atualizados; e por capítulos inéditos que tratam de questões atuais relacionadas ao GT, sendo estes últimos submetidos a um processo de avaliação e seleção. São 21 capítulos no total, com 40 autoras e autores representantes das cinco regiões geográficas do país, ainda que, em sua grande maioria, situados no Sudeste. Esta região fez-se representar por Rio de Janeiro (10 autorias), Minas Gerais (8) e São Paulo (7). O Sul, por Rio Grande do Sul (5), Santa Catarina (1) e Paraná (1). Nordeste, por Bahia (2) e Piauí (2). Centro-Oeste, por Goiás (2), e o Norte, pelo Pará (2). A grande maioria das autorias vincula-se a universidades públicas, como pesquisadores-docentes e/ou discentes.

Essas produções foram distribuídas conforme os três eixos que definem o nosso GT. Certamente, os três vetores se apresentam em todos os trabalhos, com destaques diferenciados, mas procuramos estabelecer uma distribuição que respeitasse a ênfase assumida pelos/as diferentes autores/as. A Parte III, *Movimentos e ações coletivas*, traz 6 capítulos, nos quais se destacam movimentos e ações protagonizadas por jovens, a partir de diferentes interesses, orientações e objetos de lutas, situados em diferentes espaços-tempos do mundo urbano brasileiro ou de outras realidades nacionais.

Em *“Jovens de luta”: formação política e movimento estudantil universitário*, Junior Roberto Faria Trevisan e Luís Antônio Groppo buscam conhecer a formação política suscitada pela participação de jovens no movimento estudantil de uma universidade pública do Sul de Minas Gerais. A investigação foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica, levantamento de dados, observação participante e entrevistas semiestruturadas com oito estudantes, ao longo de 2017 e 2018. Animam teoricamente o capítulo, a concepção de política de Rancière e as aproximações entre as categorias educação não formal e formação política. Os autores destacam que os espaços formativos organizados por tais estudantes são formas

de interação importantes para a sua constituição como sujeitos sociais e políticos, e que, apesar das dificuldades e derrotas observadas, o movimento estudantil tem legado pessoas com grandes aprendizados políticos, que podem ser decisivas em futuras mobilizações pelos direitos sociais e políticos no Brasil.

No capítulo *Juventude universitária evangélica e a participação junto aos movimentos sociais na América Latina*, Vinicius Oliveira Seabra Guimarães e Aldimar Jacinto Duarte analisam a condição juvenil e seus desdobramentos junto aos movimentos sociais na América Latina a partir da diversidade intrínseca à categoria juventudes, contemplando assim as especificidades de um grupo de jovens universitários evangélicos ligados a um movimento estudantil internacional denominado *International Fellowship of Evangelical Students* (IFES). Os autores procuram respaldar teoricamente a categoria 'movimentos sociais' nos estudos de Maria da Glória Gohn (1997; 2014), e em aderência às contribuições de Enrique Dussel (1977) e Anibal Quijano (2000) acerca da *Práxis da Dominação* e a *Colonialidad del Poder*, respectivamente. Concluem que esse grupo de jovens evangélicos latino-americanos, à semelhança da própria religião evangélica na América Latina, apresentam dificuldades e limitações no que tange ao envolvimento com os movimentos sociais, o que os distanciam do campo político em sua forma tradicional. Porém, em contrapartida, eles construíram uma nova forma de participação político-social, peculiar a condição social de serem jovens universitários evangélicos, dando ênfase ao *habitus* religioso.

*Juventude que ocupa: quem são os jovens que ocuparam as escolas no município de Poços de Caldas-MG?*, apresenta os perfis das juventudes que participaram da segunda onda do movimento de ocupações secundaristas no Brasil em 2016, na cidade de Poços de Caldas, no sul de Minas Gerais, com foco na análise da construção política e, principalmente, religiosa dos ocupantes. O movimento iniciara quando os ocupantes se sublevaram em protesto às medidas políticas nacionais que tentaram estabelecer a Reforma do Ensino Médio e o congelamento do teto de gastos públicos por um

período de vinte anos no país. A pesquisa coletou dados referentes às seis escolas da rede Estadual de Ensino, ao Colégio Municipal e à Superintendência Regional de Ensino, somando oito unidades de ocupação em Poços de Caldas. Neste contexto, *Mara Aline Oliveira e Douglas Franco Bortone* procuram delimitar as reflexões em torno das instâncias socializadoras nas quais os ocupantes estavam inseridos, dando enfoque neste trabalho à religiosidade e às influências do movimento na construção de suas identidades político-sociais. Os resultados da pesquisa apontaram para a ausência de engajamento militante prévio e posterior ao movimento, entretanto, sem desconsiderar os efeitos que ainda permanecem latentes na produção dos legados subjetivos das ocupações, mormente quando se trata da micro dimensão política desses sujeitos. Ainda segundo os autores, no que tange à religiosidade, a experiência de ocupar possibilitou a percepção expandida de múltiplas formas de religião, o que impactou na produção de uma síntese pessoal mais flexível e crítica quanto aos dogmas antes vivenciados.

No capítulo *Em que se parecem #Occupywallstreet, um colégio ocupado e um Slam de poesia? Pistas teórico-metodológicas sobre subjetivação política*, Valentina Carranza Weihmüller e Vera Helena Ferraz de Siqueira partem do estudo de Rossana Reguillo, sobre os movimentos-rede, de pesquisas sobre ocupações secundaristas no Brasil, coordenadas por Luís Antonio Groppo, e de um trabalho próprio junto a coletivos artístico-culturais do circuito *hip hop* em Rio de Janeiro, para apresentar uma proposta analítica que nos ajuda a entender a abordagem empírica do conceito rancieriano de *subjetivação política*. As autoras recuperam brevemente o modelo de Rancière e estabelecem um diálogo entre os estudos empíricos citados, identificando algumas aproximações quanto aos agenciamentos juvenis de *ocupar para interromper, hackear, produzir presença e se afetar na criação de encontros*. Também tensionam aproximações e distâncias em relação ao identitário, tecnológico e artístico, e problematizam, por fim, alguns desafios metodológicos a serem considerados.

Em *Juventude e formas de participação cultural e política na cidade de São Paulo*, Daniela do Nascimento Rodrigues toma como base a prática cultural desenvolvida pelos jovens da ocupação Casa Amarela Quilombo Afroguarany, localizada na cidade de São Paulo. O objetivo da autora foi o de analisar a oferta de atividades artísticas e culturais do espaço nos anos de 2016 e 2020 e, considerando o contexto social e político dos referidos anos, verificar se elas mostraram alterações, seja nas temáticas, seja nos tipos de atividades ofertadas. A partir dos conceitos de juventude (GROPPO, 2000) e de cidadania cultural (CHAUÍ, 2006), o estudo busca fazer uma breve reflexão sobre a relação entre as ações coletivas juvenis e as práticas culturais.

O capítulo "*Luzes que faíscam no caos*": *maquinarias contra coloniais das juventudes do movimento hip hop em Teresina-PI*, de Shara Jane Holanda Costa Adad e Kricia de Sousa Silva, visa denunciar e desconstruir preconceitos sobre as juventudes, a partir de processos de criação e re-existências de jovens do movimento Hip Hop, realçando sua potência para engendrar outros modos de educar, existir e compartilhar na contemporaneidade. As problematizações que estruturaram as reflexões propostas, foram: que exclusões e/ou preconceitos são vivenciados pelos jovens do movimento? O que os faz se sentirem excluídos? Quais processos de criação são produzidos a partir da exclusão e da marginalização vivenciadas? Estes processos podem ser considerados propostas de inclusão, maquinarias contra colonizadoras? Diante dessas questões, as autoras analisam o caso da invasão pela Polícia Militar no Centro Cultural Casa do Hip Hop, em Teresina-PI. E, neste sentido, observam que, em contrapartida, os jovens manifestaram-se à sua maneira, e mobilizaram seus próprios modos de inclusão social, ao se reunirem com autonomia, afirmando, para si e para a sociedade, que são capazes de organizar e negociar seus próprios direitos.

A Parte IV, denominada *Sujeitos*, é composta por 4 capítulos, cujos/as autores/as abordam a condição juvenil e da infância e experiências de participação social e política dos atores juvenis e infantis na realidade brasileira, em diferentes contextos sócio espaciais.

No capítulo *Antinomias de uma condição? Reflexões sobre juventude e situação de rua*, Paulina dos Santos Gonçalves e Leandro R. Pinheiro propõem problematizações desde a seguinte questão: *que juventude é possível entre indivíduos em situação de rua?* Desta forma, procuram discutir a produção da condição juvenil em contextos de elevada vulnerabilidade social. Os autores trabalharam com um mapeamento dos serviços assistenciais-educativos de proteção oferecidos no município de Porto Alegre/RS, e, além disso, com a observação etnográfica dos agenciamentos operados pelos atores na rua. Neste ínterim, tomaram contribuições da sociologia das juventudes, assim como proposições de Danilo Martuccelli como referências para suas incursões em campo. Paulina e Leandro apontam que os serviços ofertados denotam os jovens em situação de rua como sujeitos de direitos, mas tal proteção se ancora no aceite dos enquadramentos da judicialização, enunciando acesso a uma moratória paradoxal. A esta situação articulam-se os agenciamentos individuais juvenis, que se sobrepõem ou tangenciam as ofertas oficiais na produção de experiências juvenis.

Em *Topias, utopias e projeções de futuro de jovens participantes de coletivos sociais*, Maurício Perondi discute a participação de jovens em quatro coletivos das áreas ecológica, educação popular, étnico-racial e violência. O trabalho do autor procura abordar como o envolvimento dos jovens nestes coletivos produz sentidos para as suas vidas. A pesquisa descrita teve cunho qualitativo e envolveu os próprios participantes, motivando-os a narrarem suas experiências de participação, cujas análises se apoiaram nos referenciais teóricos de autores como: Alberto Melucci, Carles Feixa, Dina Krauskopf, José Machado Pais, Marília Pontes Sposito, Maritza Urteaga, Regina Novaes. Os resultados apontaram que mesmo ante um cenário social difícil para as realidades juvenis, os sujeitos jovens tendem a alimentar utopias a partir de topias concretas, não deixando de acreditar nos seus ideais. Os jovens também destacaram, segundo o autor, que o futuro é incerto e por isso pensam as suas perspectivas a partir do presente onde estão inseridos, destacando que a participação nos

coletivos onde atuam ampliam as opções que dificilmente teriam acesso, caso a mesma não ocorresse.

No penúltimo capítulo da parte IV teremos a discussão sobre *Direitos de participação política e infância: emergência de novos sujeitos?* Questionamento trazido pelas autoras Regiane Sbroion de Carvalho e Ana Paula Soares da Silva, ao refletirem como os discursos e espaços destinados às crianças têm sido hegemonicamente marcados por seu afastamento do mundo político. As autoras assumem que essa situação é histórica e, como tal, também passível de mudança. O texto pretende contribuir para o debate sobre as possibilidades de participação da criança na política institucional, por meio do apontamento de alguns marcos legais, de discussões acadêmicas e de experiências de programas e práticas sociais que se apresentam como alternativa aos discursos hegemônicos. Argumentam as autoras que, em conjunto, essas iniciativas têm contribuído na construção de um discurso libertário em relação à infância e à possibilidade de defendermos a emergência de novos sujeitos políticos no processo de socialização do exercício do poder.

Ao discorrer sobre os *Sentidos da participação: considerações sobre o engajamento de jovens de camadas populares em universidades públicas*, Felipe Tarábola apresenta reflexões sobre a diversidade de modos e sentidos da atuação política e da participação de jovens universitários em diferentes instâncias, grupos, coletivos, movimentos e organizações. A pesquisa foi realizada ao longo de três anos com nove jovens ingressantes em diferentes cursos de graduação da USP em 2014 a respeito de seus processos de socialização, individuação e desafios vividos em suas trajetórias escolares tanto na passagem do Ensino Médio público ao Ensino Superior, quanto no percurso de afiliação à vida universitária. A partir de referenciais da Sociologia e do campo da Educação no debate sobre a juventude e as formas de ação coletiva, o autor contribui para uma discussão acerca da constituição e da pluralidade das formas de ação dos estudantes universitários na esfera pública e suas interfaces com a sociabilidade juvenil.

A última parte da coletânea, dedicada aos *Processos educativos*, é composta por 5 capítulos, que evidenciam a multiplicidade de práticas e processos educativos empreendidos por sujeitos coletivos variados, em diferentes contextos, ou dimensões da dinâmica sociocultural brasileira.

Em *Jovens mobilizadores culturais na cidade de Feira de Santana: uma micropolítica das margens*, Mirela Figueiredo Santos Iriart explora analiticamente a ação cultural de grupos e coletivos culturais juvenis, nas suas dimensões estética e ético-política, dando destaque às narrativas de três jovens lideranças culturais, atuantes no circuito de arte de rua (*hip hop* e grafite), em uma cidade marcada pela escassez de equipamentos e espaços de sociabilidade. A partir dos enquadramentos assumidos, os jovens foram compreendidos como articuladores de processos de criação e ativismo cultural, e da (re)construção de suas biografias. A autora também postula as ideias de que as formas de apropriação e recriação da cultura pelos jovens investigados são elementos importantes para pensarmos a mobilidade, a circularidade e a porosidade das fronteiras urbanas, e que mesmo diante de limitações sociais e políticas que não permitem uma ruptura radical, há um empoderamento cultural dos sujeitos juvenis, processo que contribui para que potencialmente ampliem o capital social em territórios marginalizados. Assim, novos projetos de vida emergem quando a arte cria um espaço simbólico, no qual os jovens podem mover-se e provocar mudanças pessoais e sociais.

Salomão Antônio Mufarrej Hage, Iranete Maria da Silva Lima e Dilenio Dustan Lucas de Souza, no capítulo intitulado *A escola do campo na perspectiva dos movimentos sociais populares: questões para o debate*, apresentam um conjunto de reflexões sobre a escola do campo reivindicada pelos movimentos sociais populares, como parte da estratégia de luta pela terra e pela educação. Uma escola vinculada às preocupações com a formação humana dos sujeitos do campo, que considera as condições concretas nas quais se acirram as lutas de classes no campo brasileiro, que conduzem os sujeitos a enfrentarem processos de desterritorialização que lhes são impostos, sobretudo,

pela expansão do agronegócio. A partir de estudo documental da legislação que envolve a Educação do Campo, os/as autores/as dão prioridade à identidade da escola do campo, às políticas públicas, à organização do ensino e o trabalho pedagógico que vêm sendo desenvolvidos nessas escolas, à luz das conquistas dos movimentos refletidas na legislação, nas experiências e nos resultados de pesquisas realizadas nos contextos da Educação do Campo.

No capítulo em que o foco central são as *Políticas públicas para a juventude e elevação da escolaridade no Brasil: a experiência do PROJOVEM*, Diógenes Pinheiro, Luiz Carlos Gil Esteves e Miguel Farah Neto chamam a atenção para o fato de que, entre 2005 e 2015, o Estado brasileiro investiu maciçamente em políticas de elevação da escolaridade da juventude, focalizando os jovens que não tiveram acesso à escola pelas vias formais, sobretudo os pertencentes aos grupos sociais mais vulneráveis. A partir de tais referências, os autores discorreram sobre o ProJovem, compreendido como um dos principais instrumentos das políticas de inclusão naquele período, considerando os avanços que elas lograram atingir, ao propiciarem a elevação de escolaridade para jovens pouco atingidos por ações estatais que visam assegurar direitos sociais, e os limites e desafios presentes no processo de sua inserção, como política pública, no âmbito do sistema educacional brasileiro.

Em *Entre entidades, identidades e nomeações: relações de pertencimento na Quimbanda de Rio Grande/RS*, Rodrigo Lemos Soares, Mauro Dillmann e Gustavo Henrique Pereira partem da premissa de que o ato de nomear-se implica a determinação de um local de referência, de uma posição de sujeito e de uma identidade. Os autores problematizam a nomeação como um modo de produzir-se em correlação a um pertencimento identitário-religioso em terreiros de Quimbanda em Rio Grande/RS. Assim, defendem a ideia de que a nomeação relacionada aos personagens da Quimbanda - exus e pomba giras, estabelece vínculos com noções acerca do pertencimento religioso ao terreiro e às relações de poder. Os autores, ao considerarem a nomeação como uma prática transitória que produz quem a define, que sinaliza a posição de onde se está falando, e

permite conceber as circunstâncias do ato de identificar-se, o ato de se nomear é apreendido como algo que não é definitivo, e que apresenta conexões com a vida de quem joga com as linguagens para se produzir por processos educativos distintos, que forjam sujeitos, a partir das posições sociais que assumem socialmente.

Marcos Roberto Pavani, no capítulo sobre *O uso das ferramentas digitais pelo ativismo drag e suas possibilidades didático-pedagógicas*, apreende e interpreta o desenvolvimento das ferramentas tecnológicas virtuais nos últimos tempos e as possibilidades de seus usos para o incremento das práticas sociais, em especial para as suas finalidades didático-pedagógicas externas ao mundo escolar. Ao discorrer sobre o contexto social criado pela pandemia da covid-19, o autor sublinha como essas ferramentas, que já vinham sendo implantadas de modo menos intenso, ganharam novos significados em decorrência das demandas criadas pelo isolamento social, tais como o conjunto internamente diversificado de atividades desenvolvida de forma remota por meio das diversas plataformas de *streaming*, tais como aulas, reuniões de trabalho, apresentações artísticas (*lives*), etc. Desta forma, no amplo espectro de possibilidades virtuais ganham ainda mais destaque as e os influenciadores digitais, atores que ocupam importante espaço no cotidiano social, em especial junto a determinados segmentos juvenis. Como modo de ilustração, o autor focaliza e analisa a *drag queen* Rita Von Hunty e suas intervenções no canal *Tempero Drag*, um espaço-tempo no qual a/o personagem descortina importantes reflexões teóricas, amplia as esferas de discussões e compartilhamentos dos conteúdos didáticos, e com seu “ativismo” propicia a quebra de paradigmas e preconceitos.

É preciso assinalar, ainda, que nosso livro começa e termina com contribuições de dois pesquisadores de grande importância para a trajetória e a experiência acumulada por nosso GT03 nas décadas recentes: Maria Antônia de Souza compôs o *Prefácio*, e Juarez Tarcísio Dayrell, o *Posfácio*. Iniciamos os nossos agradecimentos a ambos, pela valiosa contribuição ao terem aceitado nosso convite e tratado com tanto carinho essa antologia, compreendendo a relação com nosso GT, desde sua dinâmica singular no âmbito da ANPEd, desde sua história,

seus desafios e suas perspectivas. Estendemos o agradecimento a todas as autoras e autores, pessoas que vêm há tempo pesquisando sobre movimentos sociais, sujeitos e processos educativos, que formaram e vêm formando gerações de pesquisadores no âmbito da pesquisa em educação e em domínios científicos fronteiriços; também, a autoras e autores que vêm renovando e mantendo fecundo e florido o campo de pesquisas em educação – escolar e não escolar, seguindo as trilhas deixadas por mestres, abrindo novo leque de problemas e questões e novas rotas à investigação. Que sigamos em conexões e afetos, como costumava dizer o professor Nilton Bueno Fischer!

Agradecemos o financiamento da nossa ANPEd (Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação) e o disponibilizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, por meio de verba PROEX/CAPES.<sup>4</sup>

Também agradecemos à CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior por recursos do PROAP - Programa de Apoio à Pós-Graduação (PROAP), que possibilitaram diversas pesquisas de mestrado e doutorado aqui relatadas. E às nossas universidades, que têm buscado, a despeito de tantas velhas e novas dificuldades, nos proporcionar tempo e condições de trabalho para nos dedicar a tarefas como a organização deste livro: Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Alfenas e Universidade Estadual de Feira de Santana.

Agradecemos ao trabalho cuidadoso da Editora Pedro&João, também por aceitar seguir conosco nessa empreitada.

---

<sup>4</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.